

Néri Pedroso¹
Henna Asikainen²
Silvana Barbosa Macêdo³

Asikainen &Macêdo: as bordas entre a arte e a ciência

Asikainen&Macêdo: borders
between art and science

Asikainen&Macêdo: los bordes
entre arte y ciencia

Resumo

Nesta entrevista a jornalista Néri Pedroso conversa com Henna Asikainen e Silvana Macêdo a respeito da exposição de caráter retrospectivo intitulada *Intraduzível* (2018), que celebra os 20 anos de colaboração entre as duas artistas. Abordamos questões acerca do conteúdo e resultado formal das suas pesquisas e ações artísticas colaborativas, seus diálogos com a ciência, suas preocupações ambientais e sociais, aspectos das suas biografias, idiomas e paisagens dos seus contrastantes países de origem, a Finlândia e o Brasil. A entrevista com Henna Asikainen foi traduzida para o português, mas incluímos também a versão original em inglês ao final do texto.

Palavras-chave: colaboração artística; arte contemporânea; arte e ciência.

Abstract

In this interview, journalist Néri Pedroso talks to Henna Asikainen and Silvana Macêdo about their retrospective show entitled *Untranslatable* (2018), which celebrates the 20 years of collaboration between the two artists. We address questions about the content and formal outcome of their collaborative research and artistic practice, their dialogues with science, their environmental and social concerns, aspects of their biographies, languages and landscapes from their contrasting countries of origin, Finland and Brazil. The interview with Henna Asikainen was translated into Portuguese, but we also included the original English version at the end of the text.

Keywords: artistic collaboration; contemporary art; art and science.

Resumen

En esta entrevista, la periodista Néri Pedroso habla con Henna Asikainen y Silvana Macêdo sobre el exposición retrospectivo *Intraducible*, realizado en 2018, que celebra los 20 años de colaboración entre las dos artistas. Abordamos preguntas sobre el contenido y el resultado formal de su investigación colaborativa y acción artística, sus diálogos con la ciencia, sus preocupaciones ambientales y sociales, aspectos de sus biografías, idiomas y paisajes de sus países de origen contrastantes, Finlandia y Brasil. La entrevista con Henna Asikainen fue traducida al portugués, pero también incluimos la versión original en inglés al final del texto.

Palabras clave: colaboración artística; arte contemporáneo; arte y ciencia.

¹ Pesquisa o diálogo entre arte, ciência, natureza e tecnologia. Mais recentemente desenvolve pesquisas na área de gênero, feminismos e autobiografia. Professora do Departamento de Artes Visuais e PPGAV, UDESC, atua na área de multimeios. Doutorado em Artes Visuais, UNN - Northumbria University, Newcastle Upon Tyne, UK (2003). silvana_b_macedo@hotmail.com <http://orcid.org/0000-0003-4741-0595> <http://lattes.cnpq.br/5051256206177575>

² Formada em comunicação social/jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (RS), vive e atua em Florianópolis (SC). Jornalista, diretora da NProduções, microempresa voltada para projetos no campo da cultura. Experiência em jornalismo cultural, editou o caderno "Anexo", do jornal "A Notícia" (1989/1993 e 2000/2005), o caderno "Plural" do "Notícias do Dia" (2008- 2011), onde também atuou como editora executiva. É autora do livro "Hassis" (Tempo Editorial) e "Coletiva de Artistas de Joinville: Construção Mínima de Memória" (Fundação Cultural de Joinville) e do catálogo/livro "Superlativa Marina" (Instituto Juarez Machado). Assina artigos em livros, como "Tubo de Ensaio – Composição [Interseções + Intervenções]", "Construtores das Artes Visuais – Cinco Séculos de Arte em Santa Catarina Vol. 1" (Tempo Editorial), "Percurso do Círculo – Schwanke Séries, Múltiplos e Reflexões" (Contraponto), entre

outros. Ao lado de Maria Regina Schwanke Schroeder e Rosângela Cherem, é organizadora do livro "Interloquções Possíveis: Kosuth e Schwanke" (Instituto Schwanke). Integra a Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) e a Academia Catarinense de Artes e Letras (Acla). Sócia-fundadora do Instituto Schwanke, em Joinville, no qual já atuou como presidente e hoje é vice-presidente. neripedroso@gmail.com

³ Artista finlandesa, residente em Newcastle, Inglaterra. PhD in Fine Art Practice, Northumbria University, Newcastle, UK, mestre em artes visuais (M.A. Fine Art), Northumbria University, Newcastle, UK, e Bacharel em Artes Visuais pela Karelia University of Applied Sciences, Joensuu, Finlândia. Seus interesses e pesquisas são em torno da relação humana com o meio ambiente e natureza, associados ao desejo de contribuir com o entendimento das complexas questões sociais e ecológicas que emerge destas áreas de conhecimento e que servem de base para sua prática artística. Seu trabalho se desenvolveu através de parcerias e colaborações com vários artistas e levaram a uma leitura mais humanizada e politizada dos espaços de disputa do ambientalismo. Trabalha com diversos meios, como vídeo, instalação, gravura, fotografia, trabalhos site-specific e ações participativas. Entre os projetos recentes, destaca a residência na ISIS Arts, Newcastle, (2017); hennaasikainen@live.co.uk

ISSN: 2175-2346

1. Introdução



Ilustração 1. Vista da exposição *Intraduzível*, Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina (MIS/SC), 2018.

Nesta entrevista refletimos sobre a mostra *Intraduzível*, realizada no Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina (MIS/SC), em Florianópolis em agosto de 2018, que contou com a curadoria de Juliana Crispe e reuniu trabalhos, em sua maioria inéditos no Brasil, celebrando os 20 anos de parceria artística entre Silvana e Henna Asikainen iniciada no Reino Unido, na Northumbria University, Newcastle.

O resultado formal das pesquisas de asikainen&macêdo aponta de imediato à associação de ações artísticas colaborativas, ambientais e sociais, além de configurar uma mistura de biografias e paisagens de países muito distintos, a Finlândia e o Brasil.

Com montagem imersiva, as obras convidam a pensar a natureza a partir da postura da observação científica. Por meio de lupas e microscópios, a desconstrução de conceitos, o inseto que se confunde com a pétala de flor, a passagem da pintura para o vídeo, o *mapa mundi* construído com ninhos de maribondos, uma arte que explora os limites entre a arte e a ciência.

Nesta entrevista, elas respondem as mesmas perguntas com respostas que revelam pensamentos distintos porém em sintonia, falam das demandas do ser artista no tempo contemporâneo e dos seus anseios. Entre dois países, no abandono da própria língua materna, elas se ajustam no inglês e em partilhas construtivas de significações capazes de constituir um novo modo de pensar a vida por meio da arte.



Ilustração 2. Henna Asikainen e Silvana Macêdo, abertura da exposição *Intraduzível*, MIS/SC, 2018.

Néri Pedroso - O que é ser artista no tempo contemporâneo?

Silvana Macêdo - Há variadas posições que os artistas podem estabelecer na contemporaneidade. Enquanto alguns preferem se voltar à produção de trabalhos imbuídos em pesquisa estética, abstrata e com foco em questões exclusivamente formais, há também os engajados mais diretamente com temas sociais e políticos. Temos outros envolvidos com ambas abordagens ao mesmo tempo, tecendo instigantes relações entre aspectos estéticos, conceituais e sociopolíticos. Interessante é que não existe apenas um jeito “adequado” de ser artista, mas há uma grande liberdade em explorar um universo amplo de possibilidades. Por exemplo, na década de 1960, nas discussões da arte conceitual e outras vertentes da neovanguarda, havia uma grande polarização entre a estética e a política. Naquele período, os artistas que estavam trabalhando com arte abstrata eram muitas vezes criticados por artistas e teóricos da neovanguarda, por seu envolvimento com o mercado de arte e por estarem interessados mais nos aspectos formais do seu processo artístico do que nos dramáticos acontecimentos que se passavam no mundo fora do ateliê e das instituições artísticas. A neovanguarda surge no pós-guerra, recuperando o radicalismo das vanguardas históricas do começo do século 20, que também emergiram de períodos de profunda crise social e suscitaram questionamentos do pensamento racionalista que fundamentaram a sociedade moderna industrial. Vejo que para alguns artistas ainda muito associados às discussões conceituais daquele período, essa divisão ainda persiste de forma muito marcada, mas por outro lado, percebo que esta dicotomia vem sendo cada vez mais dissolvida, pois questões formais estão interligadas com posturas críticas também. Me interessa tanto pelos aspectos estéticos e políticos na

produção dos meus trabalhos, e percebo isso também na prática artística de muitos outros artistas contemporâneos, tanto no Brasil quanto no cenário internacional. Na grave crise política e social que atravessamos no Brasil e no mundo, ser artista é um desafio tão grande e muito necessário! Todo e qualquer trabalho que produza consciência crítica está sofrendo violentos ataques, por isso, vejo o papel da artista como lugar de resistência e de força social, por abrir espaços para reflexão. Ser artista hoje é uma necessidade, me alimenta de esperança e vejo que é também uma forma potente de contribuir com as lutas de tantos movimentos sociais pela paz, democracia, cidadania, justiça social e ambiental.

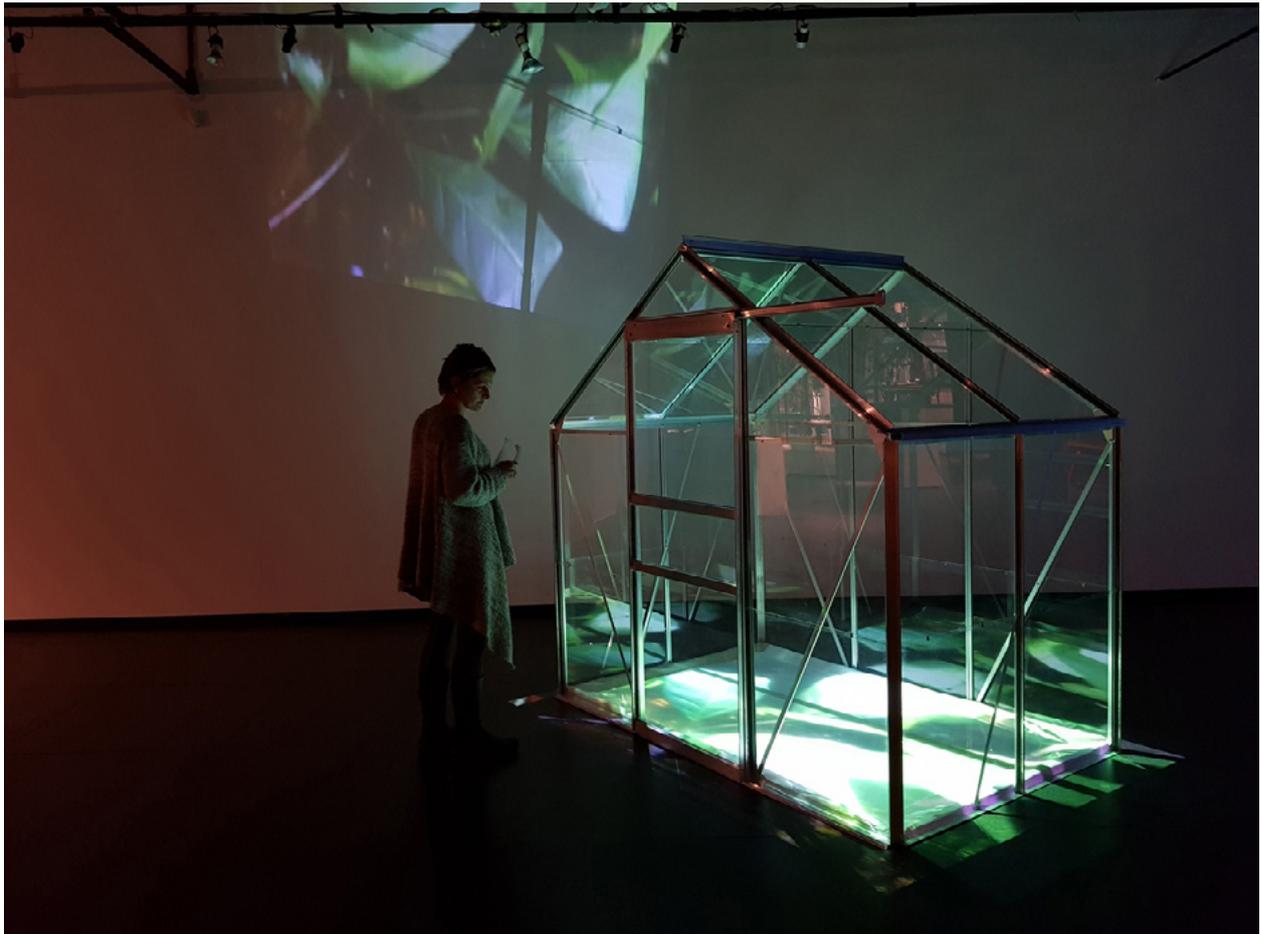


Ilustração 3. Silvana Macêdo, projeto ar, parte da exposição *Intraduzível*, MIS/SC, 2018.

Néri Pedroso - A exposição *Intraduzível* é especial por reunir trabalhos inéditos e celebrar com Henna Asikainen uma parceria artística de 20 anos. Como é a experiência de atravessar dois países sob o ponto de vista do afeto e da pesquisa artística que ultrapassa fronteiras geográficas e temporais?

Silvana Macêdo - *Intraduzível* reúne alguns de nossos trabalhos realizados entre 1997 e 2018. Está sendo especial para nós duas, e também com a participação do astrofísico iraniano Reza Tavakol e o músico e compositor Frederico Macêdo, colaboradores em *lua* e *cooperari* respectivamente, poderemos reuni-los pela primeira vez numa mesma exposição. Cada projeto aconteceu de forma separada, e foram mostrados em contextos e anos diferentes. Então, montá-los no mesmo espaço é maravilhoso, pois a nosso ver, cada trabalho dialoga muito bem um com outro no

MIS/SC. A colaboração artística com a Henna está fazendo 20 anos! Começamos a trabalhar juntas na Inglaterra no fim da década de 1990, quando nos conhecemos na Northumbria University no curso de mestrado, e posteriormente seguimos para o doutorado na mesma universidade. Naquela época eu trabalhava principalmente com pintura e a temática do meu trabalho sempre esteve relacionada com questões ambientais. A Henna também pesquisava a temática da paisagem e os interesses em comum nos aproximaram. Realizamos alguns projetos em parceria e depois resolvemos atuar exclusivamente em colaboração, construindo uma identidade artística que durou seis anos. Produzimos diversas instalações e trabalhos em vídeo e fotografia, entre eles, o projeto ar que nos levou a passar um tempo juntas nos nossos países de origem. Deliberadamente não escolhemos as cidades, mas sim as florestas como ambiente principal. No âmbito desse projeto foi a minha primeira viagem à Finlândia e a primeira visita de Henna ao Brasil, por meio das residências artísticas. Muito enriquecedor todo o percurso, desde a concepção do projeto, o convívio, as aventuras e a formalização do trabalho. Foi tudo intenso em aprendizado e experiências. Ao finalizar o doutorado em 2003, decidi voltar ao Brasil e assim, acabou a atuação em colaboração exclusiva. Seguimos nossas trajetórias individualmente, mas ainda desenvolvemos projetos em parceria em paralelo aos trabalhos individuais e/ou em colaboração com outros artistas.

Néri Pedroso - À luz dessa parceria com Henna Asikainen, como dizer sobre arte colaborativa, arte e feminismo. Embora as pesquisas de ambas não tenham essa abordagem de modo explícito, são duas mulheres unidas num universo, os dos cientistas, em que o masculino é predominante e pouco refratário. Dessas questões o que é mais urgente pensar por meio da arte no século 21?

Silvana Macêdo - Vale lembrar que o universo da arte também ainda é predominantemente masculino! A colaboração artística no contexto das artes visuais é realmente uma estratégia para romper com a noção romântica do gênio artístico (construído em torno do homem branco europeu), e questões tradicionais de autoria, subjetividade e originalidade, que permaneceu arraigada à imagem do artista por séculos na história da arte ocidental. A desconstrução destas noções tradicionais na arte, nos discursos críticos com base na filosofia pós-estruturalista, especialmente encabeçada pela crítica feminista, mais fortemente a partir da década de 1960, é a base teórica de muitas colaborações recentes, e certamente informam nossa prática artística. Colaborações entre mulheres adquirem um elemento a mais na desconstrução da autoria tradicional, pois enfrenta a questão do gênero além do problema da expressão individual como centro do processo criativo. Enquanto que na autoria tradicional a originalidade é central, na colaboração o diálogo e o compartilhamento de ideias é a dinâmica principal. É um trabalho de desafiar o ego, e por ser esta uma força muito poderosa, é também a fonte de muitos conflitos! Para mim, a prática colaborativa ao longo desses anos me fez muito bem, aprendi a ouvir e a compartilhar mais, isso me trouxe mais amadurecimento profissional. Hoje em dia temos muitas oportunidades de dialogar ao longo do processo criativo, em especial com a figu-

ra do curador na concepção e montagem de uma exposição, por exemplo. Tenho trabalhado já há alguns anos com a curadora Juliana Crispe em diversos projetos, e esta parceria é um tipo de colaboração também muito rica. Esta abertura ao outro e o interesse pela escuta se estende a outras áreas do conhecimento. Quanto ao diálogo com cientistas no contexto das residências no projeto das florestas brasileira e finlandesa, talvez por não termos tido um contato prolongado com os pesquisadores, não percebemos problemas de ordem sexista no desenvolvimento do nosso trabalho. Tivemos como base as pesquisas que estavam em andamento e o contato com os cientistas foi muito pontual. Com o cosmólogo Reza Tavakol, tivemos um relacionamento mais prolongado e a troca foi equilibrada, do ponto de vista das relações de gênero. Nossa formação vem de campos distintos do conhecimento, mas quando iniciamos o projeto da lua, colaboramos como artistas de forma horizontal.

Em termos de gênero, em relação ao contexto da ciência e ambientalismo, a contribuição das mulheres é bem vasta e importante, e graças ao trabalho de historiadoras feministas vem sendo visibilizada a produção científica de mulheres nos mais diversificados campos da ciência. Mas para nossa área de interesse, vale a pena mencionar uma referência fundamental e um marco histórico para o movimento ambiental, que foi o livro de uma mulher cientista, Rachel Carson, *Silent Spring* publicado em 1962, e mais tarde traduzido para o português como *Primavera Silenciosa* (CARSON, 2010). Neste livro, Carson documentou o efeitos poluentes dos agrotóxicos no ambiente, particularmente nas aves, a toxicidade do DDT, causando problemas reprodutivos e morte em muitos organismos. São muitas contribuições femininas para a questão ambiental, mas gostaria de destacar também o trabalho de uma mulher extraordinária, a quem tenho enorme admiração, a indiana, física, ativista ambiental e ecofeminista Vandana Shiva, um dos nomes mais respeitados no cenário internacional do movimento ambiental por sua luta contra os efeitos da globalização e da economia neoliberal nos países em desenvolvimento. A engenharia genética e a indústria biotecnológica são alvos de uma crítica radical por parte de Shiva. Estas são apenas duas das inúmeras contribuições que mulheres têm dado ao campo da ciência e que são referências para mim.

Em termos das questões de urgência no pensamento da arte no século 21, acho que tanto para a arte quanto para a ciência a crucial pergunta seja: para quem e para o quê estamos trabalhando? Nosso trabalho dá sustentação ideológica para uma minoria rica que explora os outros seres humanos, outras espécies e recursos naturais para o enriquecimento próprio? Ou estamos juntas com a maioria que luta por uma outra ordem mundial, que busca novas perspectivas para o mundo? Isso parece ser uma pergunta que atravessa os diferentes campos do conhecimento, e que abarca uma grande teia de seres, contextos, enfim, todos seres vivos nesse chão, nos mares e nos ares, incluindo os considerados "não vivos", o mundo mineral.



Ilustração 4. Henna Asikainen e Silvana Macêdo, montagem da exposição *Intraduzível*, MIS/SC, 2018.

Néri Pedroso - Como foi o reencontro entre vocês?

Silvana Macêdo - Os dias de montagem de *Intraduzível* foram intensos, alegres e cheios de boas lembranças. Tivemos muitas ideias para novos projetos e espero que tenhamos condições e fontes de fomento para concretizar os planos! Foi um prazer trabalhar de novo com a Henna, somos grandes amigas e tudo fluiu com facilidade entre nós, pois temos um senso estético afinado, isso não é tão fácil de encontrar, acho que é o ponto mais rico da nossa colaboração... quando a coisa está "no ponto", nós concordamos, bem interessante, isso não acontece toda hora, rrsrs.

Néri Pedroso - Politemática e cosmopolítica. Sua arte transita nas pulsões do autoconhecimento mas também nos mistérios da natureza, nos discursos dominantes e nos embates ambientais. ar (2001-2003) atravessa geografias e tempos distintos. Remontar a obra em 2018 estimula quais reflexões? O que é possível afirmar no distanciamento dessas temporalidades entre as obras e os impactos humanos no meio ambiente?

Silvana Macêdo - Interessante pensarmos na vídeo instalação ar depois de 20 anos, que aponta para a questão do aquecimento global e do papel das florestas neste equilíbrio climático em nível planetário. Tantas pesquisas científicas, tantos projetos artísticos e também em outras áreas do conhecimento foram feitos, infindáveis ações educativas de cunho ambiental, e ainda nos vemos diante de um cenário

devastador, e atualmente desesperador no Brasil e em outras partes do mundo do ponto de vista sócio-ambiental. Em 2018 quando remontamos esta instalação no contexto da exposição *Intraduzível*, no MIS/SC, ainda estavam por vir mais mudanças no cenário político brasileiro com enorme impacto para estas questões. Entre tudo que já tínhamos vivido em termos de devastação da floresta Amazônica e ataques às comunidades tradicionais que vivem neste fundamental bioma, nada se compara à irresponsabilidade e à desastrosa política ambiental do atual governo brasileiro. Como destaca a pesquisadora Cristiana Losekann, sobre a política do governo Bolsonaro, o mais preocupante é o total desmonte de tudo que já foi feito historicamente em termos de proteção ambiental no Brasil. Concordo com ela quando diz que “O que está em jogo não é um novo modelo de política ambiental, mas o próprio fim da política ambiental” (LOSEKANN, SANTOS, 2019). Cristiana Losekann denuncia as atuais estratégias do atual governo para restringir cada vez mais a participação da sociedade civil e as medidas para enfraquecer os órgãos de proteção ambiental, cujo impacto será mais rapidamente letal para as populações já subalternizadas. Portanto, olhar para este trabalho realizado em 2000, a partir do momento presente, nos incita a continuar aprofundando na direção que vínhamos trabalhando. Pensamos em revisitar as regiões onde estivemos, tanto no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) quanto em estações de pesquisa na Finlândia e investigar o impacto dos trabalhos científicos sobre o aquecimento global neste período e ver o que se passou em termos numéricos, políticos e sociais durante esse tempo. Mas neste novo momento, queremos focar na situação das comunidades tradicionais de forma mais direta em nosso trabalho, nos voltando também para a questão das migrações causadas pelos desastres ambientais.



Ilustração 5 e 6. *Cooperari*, trabalho colaborativo de Frederico Macêdo e Silvana Macêdo, na exposição *Intraduzível*, MIS/SC, 2018.

Néri Pedroso - Em *cooperari*, o *mapa mundi* chama a atenção do público. O que significa representar o mundo com material tão precário? Você crê que é possível remontar o mundo? Existe futuro?

Silvana Macêdo - O *mapa mundi* de *cooperari* foi feito pelos insetos de forma colaborativa (é seu ninho), e depois apropriado por mim para dar forma a um mapa

do mundo (que é nosso ninho), desejando uma nova ordem mundial que se baseie em mais colaboração do que na competição... mas entendo também que há um aspecto melancólico envolvido nisso, pois são ninhos abandonados, apenas resíduos de um processo de vida que já se moveu dali. Acredito que seja um bom ponto de partida, pensar essa construção emergindo da base, do trabalho dos invisibilizados que constroem e sustentam o mundo. A grande maioria de pequenos é uma força potente.

Henna Asikainen¹



Ilustração 7. Henna Asikainen, instalação Lab, exposição *Intraduzível*, MIS/SC, 2018.

Néri Pedroso - Como é ser artista atualmente?

Henna Asikainen - Ser artista é um desafio - não é exatamente uma escolha de carreira "sensata". Sou artista em período integral, não tenho outro emprego, poupança ou herança para complementar minha renda, o que significa que a insegurança financeira e futuro são uma preocupação. O trabalho artístico é subvalorizado e os artistas são mal pagos - geralmente apenas recebem pagamento pelo que produzem, o que nem sempre reflete efetivamente o tempo investido na produção. A menos que um artista se torne "bem-sucedido" - e esse julgamento dependa de muitos fatores (a resposta dos críticos, o quão "na moda" o trabalho possa estar, o quão disposto o artista possa estar em "se encaixar" etc.) - mas de forma geral, artistas não têm controle do valor do seu trabalho. Apesar disso, ser artista pode ser um papel extraordinário, gratificante e até afirmativo para a vida! Os projetos com os quais estou

envolvida são interessantes e também algo pelo qual sou muito apaixonada. Os últimos anos foram especialmente bons para mim como artista. Meus projetos de arte participativa com as comunidades de refugiados e imigrantes (por exemplo, *blanket, forage, delicate shuttle*²) foram muito bem recebidos em muitos níveis diferentes e isso levou a mais trabalhos comissionados. A arte também é algo poderoso - pode ser usada para decorar paredes e proporcionar prazer estético, mas também pode ser um meio de dizer a verdade ao poder. Nestes tempos difíceis, nos quais somos ameaçados não apenas pela catástrofe climática em rápido desenvolvimento, mas também pelo ressurgimento das ideologias xenofóbicas, populistas e fascistas e suas políticas de construção de barreiras e fechamento de fronteiras e diálogos, a arte é ao mesmo tempo criticamente importante e está significativamente ameaçada. Essas ideologias e as políticas que as acompanham são hostis à beleza e à cultura e tendem a encerrá-la financeiramente, reduzindo ou eliminando o financiamento a projetos artísticos, porque reconhecem que a arte é uma arma cultural. Observando as imagens de nossa casa, a Terra, vista do espaço, ela parece tão pequena, bonita, frágil e solitária, flutuando sozinha no espaço infinito. Diante dessa imagem, a política do ódio, a construção de barreiras e a destruição imprudente de nosso planeta são eminentemente absurdas e, finalmente, ameaçam todos nós - mesmo aqueles que os promulgam. Meu trabalho está particularmente preocupado com o impacto das mudanças climáticas - tanto ecológica e quanto socialmente. O derretimento das calotas polares não afeta apenas a vida selvagem e os habitantes locais daquelas regiões, mas também cidades costeiras em todos os lugares - Rio de Janeiro, Nova York, etc. serão afetados. Meu trabalho explora os vínculos entre a causa e o impacto, os problemas e as soluções e como podemos trabalhar para fazer as mudanças necessárias em nosso estilo de vida, se quisermos continuar sendo uma espécie viável na Terra. Não podemos continuar tentando lidar com problemas de forma isolada, adotando abordagens desconectadas e estreitas que recusam o cenário mais amplo e que não conseguem vincular como vivemos com a imensidão do problema climático. Precisamos urgentemente começar a analisar nossos problemas domésticos de maneira mais ampla e radical. Precisamos cuidar de nossa casa, nosso planeta - como já foi dito muitas vezes antes - não há planeta B.

Néri Pedroso - A exposição no MIS é especial, pois reúne obras de arte inéditas no Brasil e porque comemora 20 anos de colaboração artística com Silvana Macêdo. Como é a experiência de atravessar dois países considerando o aspecto emocional / afetuoso e também a pesquisa artística que rompe fronteiras geográficas e temporais?

Henna Asikainen - Nossa colaboração começou em 1997 em um país que não era a terra natal de nenhuma de nós e, de várias maneiras, esse deslocamento geográfico inicialmente fazia parte do vínculo entre nós e se tornou uma base para a nossa prática colaborativa. Estávamos muito interessadas no conceito da tradução, que está no centro de nossa prática, à medida que as ideias transitam para fora dos

2 Projetos recentes de Henna Asikainen: Forage disponível em: <<https://stories.getmural.io/isisarts/forage/>> Blanket disponível em: <<http://www.hennaasikainen.com/berry-blanket/4589637240>> Delicate Shuttle disponível em: <<https://getnorth2018.com/previous-events/delicate-shuttle/>> Acesso em: 25.10.2019.

nossos idiomas maternos e vice-versa. Mas esse não era apenas um mecanismo linguístico - mas também a tradução da experiência, da cultura, das próprias coisas que nosso senso de nós mesmas era feito. Como Derrida sugere, a transmutação de materiais de um contexto para outro pode ser vista como uma tradução. Fomos refeitas em nosso novo contexto de língua inglesa e iniciamos uma negociação (ela própria uma forma de tradução) sobre como poderíamos transformar essas coisas novas em nossa prática artística. Isso nem sempre é fácil - no movimento de uma cultura para outra as palavras acumulam significados diferentes, as nuances adquirem ênfases diferentes e muitos sentidos geralmente se perdem nas entrelinhas. Nossa prática colaborativa é caracterizada por tudo isso; esse movimento entre diferentes culturas; o lugar onde diferentes significados se encontram; o encontro entre sentidos e ideias em que todas essas características são expressas no trabalho.



Ilustração 8. Floresta no Parque Nacional de Koli, Finlândia, 2001.

Um bom exemplo seria o projeto air que nos levou a explorar na floresta boreal nórdica na Finlândia e a floresta amazônica no Brasil. Esses ambientes - o frio, branco e intocado da Finlândia e a quente, verde e úmida floresta tropical do Brasil são territórios aparentemente opostos, geográfica e ecologicamente distantes, mas na verdade, como sabemos, estão conectados, envolvidos em uma espécie de colaboração em toda a imensidão íntima do ecossistema global. Embora existam conexões entre as coisas, não quer dizer que sejam a mesma coisa. A linguagem pode frequentemente falhar conosco - pode ser inadequada. A coisa que os brasileiros chamam de floresta, os finlandeses chamam de *metsä*, e o dicionário nos diz que *metsä* significa

floresta. Mas essas coisas não são idênticas: “Existe uma enorme diferença entre as duas realidades. É tão grande que elas não apenas são extremamente incongruentes, mas quase todas as suas ressonâncias, tanto emotivas quanto intelectuais, são igualmente iguais” (ORTEGA Y GASSET, 1992, p. 96). Essas questões interculturais e interlinguísticas são de muito maior importância e interesse para nós do que a questão da localização geográfica e diferenças de tempo, que são elas mesmas simplesmente um sintoma da tecnologia. É claro que há uma grande empolgação e um aumento maciço no estímulo mútuo quando podemos estar presentes no mesmo espaço e tempo – mas a tecnologia não pode substituir o impacto da proximidade humana, da amizade e da hospitalidade de ideias.



Ilustração 9. Floresta Amazônica, Brasil, 2001.

Néri Pedroso - Como foi o reencontro de vocês?

Henna Asikainen - Boa! Parecia muito natural e fácil, depois de todos esses anos, trabalhar juntas novamente. A vida mudou muito para nós duas. Nós duas nos tornamos mães, crescemos e somos talvez um pouco mais seguras dentro de nós. Ainda compartilhamos as mesmas sensibilidades estéticas e concordamos em todos os aspectos da instalação da exposição, o que foi ótimo. Também tínhamos muitas ideias para possíveis projetos futuros de colaboração - mas apenas o tempo dirá se é possível sustentar a energia que realmente só vem com o contato face a face.

Néri Pedroso - What is it like to be an artist at present?

Henna Asikainen - Being an artist is challenging - it is not exactly a 'sensible' career choice. I am a fulltime artist, I do not have another job, savings or inheritance

to supplement my income, which means that the future and financial insecurity are a worry. Artistic work is undervalued and artists are underpaid – usually only receiving payment for what they produce which does not always effectively reflect the time invested in production. Unless an artist becomes ‘successful’ – and this judgement is dependent on so many factors (the response of critics, how fashionable the work might be, how willing the artist might be to ‘fit in’ etc.) – they do not have control of the value of their work. Saying that, being an artist can be an extraordinary, fulfilling, even life-affirming role to play! The projects that I am engaged with are both interesting and also something that I am very passionate about. The last few years have been especially good for me as an artist. My participatory art projects with the refugee and migrant communities (e.g. *blanket*, *forage*, *delicate shuttle*) have been very well received at many different levels and this has led to further commissioned work. Art is also something powerful – it can be used to decorate walls and give simple delight but it can also be a means of speaking truth to power. In these difficult times in which we are threatened not only by the headlong rush of the rapidly developing climate catastrophe but also by a resurgence in xenophobic, populist and fascist ideologies and their accompanying policies of building barriers and closing borders and dialogues, art is both critically important and significantly endangered. These ideologies and their accompanying politics are hostile to beauty and culture and tend to close it down both financially by reducing or eliminating funding and because they recognise that art is a cultural weapon. Looking at images of our home, the Earth, seen from space, it appears so small, beautiful, fragile, and lonely, floating on its own in infinite space. In the face of this image the politics of hate, of building barriers and the reckless destruction of our planet are eminently absurd and ultimately threaten all of us – even those who enact them. My work is particularly concerned with the impact of climate change – both ecologically and socially. The melting of the arctic ice cap not only affects the local wildlife and inhabitants but also low-lying coastal cities everywhere – Rio de Janeiro, New York etc. are all going to be affected. My work explores the links between the cause and the impact, the problems and the solutions and how we might work to make the necessary changes to our lifestyles if we are to continue as a viable species on Earth. We can not continue trying to deal with problems in silos, undertaking disconnected and narrow approaches which refuse the wider picture, and which fail to link how we live with the immensity of the climate problem. We urgently need to begin to look at our home problems in a broader and radical way. We need to look after our home, our planet - as has been said many times before - there is no planet B.

Néri Pedroso - The exhibition at MIS is special as it brings together unseen artworks here and because it celebrates 20 years for artistic collaboration with Silvana. What is it like the experience of crossing two countries considering the emotional/ affectionate aspect and also artistic research which breaks geographical and time boundaries?

Henna Asikainen - Our collaboration began in 1997 in a country that was not home for either of us and in many ways this geographic dislocation initially formed

part of the bond between us and became a basis for our collaborative practice. We were very interested in the concept of the translation sitting at the heart of our practice as ideas transited out of languages and back again. But this was not only a linguistic mechanism – but also the translation of experience, of culture, of the very things from which our sense of ourselves was made. As Derrida suggests the transmutation of materials from one context to another can itself be seen as resembling a translation. We were remade in our new English speaking context and we embarked on a negotiation (itself a form of translation) as to how we might make these new things into our practice. This is not always easy - in the movement from one culture to another words accumulate different meanings, nuances acquire different emphases, and things often get lost in between the lines. Our collaborative practice is characterized by all this; this movement between different cultures; the place where different meanings meet; the encounter between meanings and ideas in which the features of all are brought to bear on the work.

One good example would be the 'air' project which took us on an exploration of the Nordic boreal forest in Finland and the Amazonian rainforest in Brazil. These environments – the cold, white, pristine pine forest of Finland and the hot, green, humid rainforest of Brazil are seemingly oppositional territories, geographically and ecologically far apart but in fact, as we discovered, are connected, are involved in a kind of collaboration across the intimate immensity of the global ecosystem. Whilst there are connections between things, that is not to say that they are the same thing. Language can often fail us – it can be inadequate. The thing Brazilians call a *floresta* [forest], Finns call a *metsä*, and the dictionary tells us that *metsä* means *floresta*. But these things are not identical: "an enormous difference exists between the two realities. It is so great that not only are they exceedingly incongruous, but almost all their resonances, both emotive and intellectual, are equally so" (ORTEGA Y GASSET, 1992, p. 96). These intercultural and inter-linguistic matters are of far more consequence and interest to us than the matter of geographic location and time differences which are themselves simply a symptom of technology. There is of course a great excitement and a massive increase in mutual stimulation when we are able to be present in the same space and time - technology cannot replace the impact of human closeness, friendship and the hospitality of ideas.

Néri Pedroso - How was your reunion?

Henna Asikainen - Good! It felt very natural and easy after all these years to work together again. Life has changed a lot for both of us. We have both become mothers, grown older and are perhaps a little more secure within ourselves. We still share the same aesthetic sensibilities and agreed in all of the aspects of installing the exhibition which was great. We also had a lot of ideas for possible future collaborative projects - but only time will tell if it is possible to sustain the energy that only really comes with face to face contact.

Bibliografia

CARSON, R. *Primavera Silenciosa*. São Paulo: Gaia, 2010.

ORTEGA Y GASSET, J. "The Misery and the Splendor of Translation", In: *Theories of Translation: an Anthology of Essays from Dryden to Derrida*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

LOSEKANN, C.; SANTOS, J. V. "A extinção da política ambiental no Brasil e os riscos para a vida no planeta". *Entrevista com Cristiana Losekann*. Instituto Humanitas UNISINOS, publicação online em 17 de julho de 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/590855-a-extincao-da-politica-ambiental-no-brasil-e-os-riscos-para-a-vida-no-planeta-entrevista-especial-com-cristiana-losekann>> Acesso em: 25.10.2019.

.

.

Submetido em: 30/10/2019

Aceito em: 06/12/2019